

As formas do capital e suas dinâmicas autonomizadas como expressões da crise capitalista: o capital fictício e suas configurações

Paulo Nakatani¹
Marcelo Carcanholo
Mauricio Sabadini

Sociedade Brasileira de Economia Política (SEP)
XXX Encontro Nacional de Economia Política
Universidade Federal de Campina Grande (08 a 11/07/25)
Área temática: Teoria do Valor, Capitalismo e Socialismo

1. Introdução

O objetivo deste texto é o de apresentar alguns desdobramentos categoriais que consideramos importantes para se compreender as particularidades e contradições dos movimentos financeiros no processo de acumulação capitalista atual. Vamos mostrar como essas particularidades e contradições estão estreitamente vinculadas e determinaram algumas das mudanças que se manifestaram nas crises do capitalismo, principalmente a partir do final da década de 1960. Ademais, tomando como base, principalmente, as formas clássicas de capital fictício de Marx (2017), esboçamos um panorama das expressões concretas do capital fictício no seio do capitalismo mundial. Mais precisamente, procuramos especificar como a crise capitalista se expressa através dos movimentos autonomizados do capital na esfera financeira (sistema bancário, bolsa de valores, fundos financeiros, gestoras de ativos, etc) e, principalmente, sob suas formas fictícias.

Esses movimentos financeiros que aparecem sob a forma do ciclo do capital fictício (D-D'), dinheiro que gera dinheiro, expandem a acumulação de capital sem estar mediados pela produção de valor e mais-valia. Assim, todo capitalista que dispõe de dinheiro disponível ingressa no mercado financeiro comprando títulos ou capital na forma fictícia e o vendedor dos títulos pode permanecer dentro do mesmo comprando outros títulos ou pode realizar seus ganhos no ciclo D-D', retirando D' desse mercado e utilizando seja para consumo, seja para acumulação de capital na forma produtiva ou qualquer outra forma.

O capital fictício, que está no centro da superacumulação do capital na forma monetária e do capital a juros, comanda de forma significativa a dinâmica da acumulação capitalista na contemporaneidade, principalmente através dos grandes fundos gestores de capital como a *BlackRock* ou outros grandes fundos.

¹ Professor emérito da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), professor do Departamento de Economia e do Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal Fluminense (Uff), professor do Departamento de Economia e do Programa de Pós-Graduação em Política Social (PPGPS) da Ufes – pesquisador do CNPq, respectivamente. Emails: <paulonakatani@gmail.com>, <mdcarc@gmail.com>, <mauricio.sabadini@ufes.br>.

Tomamos como ponto de partida alguns fatores que já foram expostos em Piqueras e Dierckxsens (2018), como o fato de que “desde 1960 a superprodução de capital passou a ser acumulada sob a forma de capital monetário (...)” (p. 35) e que “este período de crise dá lugar a um novo período de relativa estabilidade e fechamento das contradições anteriores do sistema mundial, uma nova fase de expansão, mas também de explosões de crises conjunturais que brotaram por todo o planeta e se mostraram como crises financeiras ao longo dos anos 1990 e 2000” (p. 38). Por outro lado, procuraremos avançar a partir do desenvolvimento das formas funcionais que o capital, enquanto abstração, apresentado no Livro I de *O capital*, vai assumindo e revelando-se nos Livros II e III como capital em geral e múltiplas unidades de capital industrial individual, finalizando o texto com alguns indicadores representativos do capital fictício na dinâmica capitalista mundial.

E, para melhor compreendermos esse movimento do capital e suas crises, um percurso deve ser feito, ou ao menos apontado, o das formas substantivas do capital industrial e seu processo de autonomização.

2. As metamorfoses do capital e acumulação de dinheiro. Formas substantivas do capital industrial: capital dinheiro/monetário, capital produtivo e capital-mercadoria

O ponto de partida para se entender todo o processo de constituição e metamorfose do capital, seu movimento incessante pela busca de valorização, pressupõe o tratamento realizado por Marx na seção I do Livro I de *O capital*. Nela, Marx chama a mercadoria de “forma elementar” da riqueza capitalista, mas que é, também, a mais “complexa”, e que se expressa em formas distintas. Ao longo dos três livros, ela é tratada como mercadoria-comum/simples, mercadoria-serviço e mercadoria-capital². A gênese da mercadoria, do valor-trabalho, das formas do valor, do dinheiro, do fetiche e da transformação do dinheiro em capital, foi apresentada por Marx na seção I. Neste momento, não cabe realizar uma reconstituição do desenvolvimento dessas categorias, mas consideramos importante destacar que o ponto de partida é a mercadoria e o dinheiro, enquanto expressões do valor-capital, num processo de desenvolvimento em que Marx demonstra, nas seções seguintes, a exploração do trabalho, a produção da mais-valia, a reprodução e a acumulação do capital e suas leis.

Nesta longa trajetória, o valor, enquanto propriedade da mercadoria, se manifesta como valor de troca, e expressa uma relação social e histórica das coisas. O valor, enquanto valor-capital, deixa de ser propriedade e passa a ser o sujeito, de adjetivo passa a ser substantivo, daí a substantivação do

² Não é muito incomum encontrarmos leituras que associam a noção de mercadoria em Marx a partir apenas de suas dimensões física e química, material, gerando equívocos e insuficiências, inclusive quanto à noção de riqueza. Os serviços, desde que sob relações capitalistas de produção, também são mercadorias, mesmo que com particularidades, como o fato de que são consumidos no ato da produção. Já a mercadoria-capital possui como característica, dentre outras, o fato de ser integrada ao patrimônio e riqueza do capitalista, tendo a possibilidade de ser comprada, vendida ou reinvestida, como nas aplicações financeiras.

valor (Carcanholo, 2011). De fato, o valor, já sob a forma de valor-capital, passa “de simples adjetivo das mercadorias, o valor converte-se em substantivo no ciclo do capital. Quando o valor não é mais simples valor, mas valor-capital, enfrentamo-nos com a substantivação do valor” (Carcanholo e Nakatani, 1999, p. 289).

Por sua vez, no momento em que o valor se expressa como sujeito, em sua expressão de valor de troca em outras mercadorias, e a partir do desenvolvimento das trocas, ele encontra sua representação ideal em uma mercadoria especial, o dinheiro³. Dessa forma, quando o valor se torna sujeito já se desdobra em dinheiro. O primeiro continua sendo o sujeito, mas desdobrado em uma determinação mais concreta, o dinheiro. Ou, o que é o mesmo, o dinheiro já era o sujeito, apenas em uma determinação mais abstrata, o valor. Por sua vez, quando o dinheiro se apresenta como sujeito, início e fim da circulação de mercadorias (D – M – D’), ele já se desdobrou em capital. Em síntese, o sujeito sempre tinha sido o capital, mas em sua determinação mais abstrata comparecia como valor, e em uma determinação mais concreta, como dinheiro.

O “Ser” que assume, que comanda e rege a sociedade, passa a ser o capital, enquanto valor que se valoriza continuamente no ciclo geral, D-M-D’. Esse ciclo implica, necessariamente, na produção de mais-valia. Um excedente que é obtido em diferentes formas: absoluta, relativa e extra. Enfim, o movimento do capital é regido pela lei geral da acumulação capitalista, cujo resultado histórico é, por um lado, a concentração de capitalistas cada vez mais ricos e poderosos e, por outro, uma massa cada vez maior de pobres e miseráveis. Além disso, o movimento do capital conduz igualmente aos processos de concentração e centralização dos capitais particulares em unidades cada vez mais poderosas. As chamadas de *Big Money*, como a *BlackRock* (US\$ 10,6 trilhões em ativos) e a *Vanguard* (US\$ 8,7 trilhões em ativos), gestoras de investimentos; as *Big Techs*, como a *Alphabet* (*Google*), *Microsoft* e *Apple*, com mais de US\$ 4,0 trilhões de receita anual cada uma; e as que comandam o setor de petróleo ou *Big Oil*, no qual, *Saudi Aramco*, *ExxonMobil* e *Shell* são as três maiores.

No período em que Marx escrevia, no entanto, as maiores empresas do “setor financeiro” eram os bancos; as bolsas de valores ainda não eram tão importantes e o nível de capitalização das empresas⁴ e dos ativos monetários e financeiros não tinha a mesma importância que atualmente. De

³ Em sua origem, uma mercadoria se destaca dentre as demais assumindo a forma de dinheiro. Essa mercadoria especial foi o ouro, que materialmente foi convertido em moeda. Marx explica, no capítulo 3 do livro I, como a contradição interna da própria moeda conduz à sucessivas mudanças de forma, da moeda metálica para o papel moeda conversível até o papel moeda estatal sem conversibilidade. Atualmente, as moedas aparecem apenas como uma forma social abstrata de dinheiro fictício em registros contábeis dos bancos e instituições financeiras.

⁴ Atualmente, o valor das grandes empresas, como sociedades anônimas, é expresso através da capitalização de suas ações, ou seja, o número de ações que representa o capital formalizado multiplicado pelo preço das ações na bolsa de valores. Este preço varia diariamente e continuamente de acordo com o *humores* dos compradores e vendedores que costumam especular na bolsa e representa o valor-capital da empresa na forma fictícia do capital acionário.

qualquer modo, os bancos e os banqueiros da Inglaterra estudados por Marx, já dispunham de um enorme poder sobre o financiamento à acumulação de capital e realizavam continuamente a conversão do dinheiro em capital a juros e em suas formas fictícias.

Percebemos que até então Marx tratava o capital em geral e sua relação capital x trabalho, mas as funções próprias dos capitalistas ainda não estavam postas nas fases da produção e circulação. Até porque o objetivo principal do autor no Livro I era desvendar a origem da riqueza e como ela se encontrava na produção pelo surgimento de uma mercadoria especial, a força de trabalho. As formas funcionais do capital só aparecerão no Livro II de *O capital*, publicado em 1885 por Engels.

Marx apresenta na seção I do Livro II, particularmente nos quatro primeiros capítulos, as metamorfoses do capital e seus ciclos particulares, detalhando o processo de rotação, circulação e acumulação do capital, tanto em geral quanto em suas unidades individuais ou particulares. No início do processo, o valor-trabalho se apresenta em sua forma dinheiro D que é convertido em mercadorias M, meios de produção e força de trabalho, que são convertidos para a forma P, de capital produtivo e retorna enfim na forma de uma nova mercadoria que deve ser vendida, ou convertida novamente para a forma dinheiro D'. Assim, se constituem os estágios da circulação e da produção capitalista. Esses estágios nos reenviam à formação do capital industrial e às formas funcionais autonomizadas do capital. E é bom esclarecer, pois isso gera muita confusão, que Marx não usa o termo capital industrial como sinônimo de capital produtivo. Ele deixa esta diferença muito clara no Livro II, quando afirma:

As duas formas que o valor-capital adota dentro de suas fases de circulação são as de *capital monetário* e *capital-mercadoria*; sua forma correspondente à fase de produção é a de *capital produtivo*. O capital que no transcurso de seu ciclo global adota e volta a abandonar essas formas, e em cada uma cumpre a função que lhe corresponde, é o *capital industrial* – industrial, aqui, no sentido de que abarca todo o ramo da produção conduzido de modo capitalista (MARX, 1984a, p. 41).

Logo em seguida, no parágrafo posterior à esta citação, ele vai inserir um outro termo importante: o das formas funcionais do capital industrial. O que isso significa? Vejamos a figura 1 abaixo:

Figura 1- Formas funcionais do capital industrial

$$\begin{array}{ccc} (1) & (2) & (3) \\ D - M (M_p - F_t) & \dots P & \dots M' (M + m) - D' (D + d) \end{array}$$

Onde:

D = dinheiro, M = mercadoria,

M_p = meios de produção, F_t = força de trabalho,

P = produção, M' = mercadoria valorizada, D' = dinheiro valorizado,

D - M (M_p - F_t) = 1ª fase da circulação,

M' (M + m) - D' (D + d) = 2ª fase da circulação.

A primeira fase da circulação indicada acima, correspondente à primeira parte da figura 1, se refere ao capital monetário ou capital dinheiro; P é igual à fase da produção (2), onde se produz a riqueza advinda da produção da mercadoria, e a segunda fase da circulação (3) refere-se ao capital-mercadoria, onde se vende, se realiza o valor produzido e contido na mercadoria.

A título de simplificação, cada etapa do ciclo geral do capital possui, portanto, sua própria fórmula, já que, ao contrário do que possa parecer, tal figura em sua concretude se revela em movimentos heterogêneos, ou seja, ao mesmo tempo em que o ciclo se inicia da forma acima, para o capitalista produtor (2) ele tem o início com um outro ciclo, no caso, $P \dots M' - D' - M (Ft + Mp) \dots$ P, já que ele inicia a sua atividade produtiva utilizando os meios de produção e a força de trabalho para produzir nova mercadoria. Assim, para simplificar, Marx está tratando, em um primeiro momento, da totalidade do capital, o capital em geral e o seu movimento de uma forma mais abstrata.

Esse capital é constituído concretamente por uma infinidade ou múltiplas unidades de capital. Cada uma dessas unidades, que pode ser representada por uma empresa particular, realiza o mesmo ciclo que o capital em geral em seu movimento D-M-D'. Mas, não funcionam de forma sincronizada pois enquanto parte das empresas estão ainda na fase de constituição e implantação, outras estão produzindo e vendendo suas mercadorias e muitas podem estar sendo liquidadas. Além disso, as empresas se distribuem em distintos setores, desde a produção agrícola e a extração mineral, para fornecer as matérias primas industriais, aos diversos setores que processam as matérias primas até a produção de bens finais de consumo. Além disso há empresas que atuam na intermediação comercial, financeira ou na prestação de serviços.

Essas unidades particulares de capital compram e vendem mercadorias e serviços entre si mesmas e cada unidade depende de muitas outras unidades funcionando de forma entrelaçada, nos termos de Marx. De forma ainda mais concreta, uma empresa montadora de automóveis depende a extração mineral para poderem dispor das placas de aço; da agricultura e química para a borracha e plásticos; além de inúmeros fornecedores de autopeças, em uma cadeia produtiva entrelaçada e, enfim, dos comerciantes e compradores de veículos. Cada uma dessas empresas deve realizar diariamente o ciclo D-M-D' que agregadas vão constituir o movimento contínuo do capital em geral.

Somente com este exemplo, percebemos que, diferente do que se apresentava no Livro I, Marx agora está tratando a circulação como etapa importante do ciclo geral de forma mais apurada, já sinalizando para o fato de que os capitalistas exercem funções diferentes entre si no ciclo de produção e reprodução capitalista, funções estas que aparecerão, serão especificadas, somente no Livro III de *O capital*, em diversos capítulos da obra.

Em cada momento histórico do capitalismo, tais formas funcionais do capital exercerão um maior ou menor poder de influência no ciclo geral. No período das políticas mercantilistas/comerciais, no processo da Revolução Industrial, nos momentos de intensificação dos movimentos financeiros e

especulativos, cada contexto com suas particularidades. Mas, não é demais afirmar, todas elas fazem parte de uma totalidade, possuindo sua importância para a reprodução capitalista.

Durante o período de transição do feudalismo para o capitalismo, por exemplo, a forma dominante do capital era o capital comercial que, junto com o capital usurário, Marx chamava de formas antediluvianas do capital. Marx explica como ocorreu o processo da acumulação primitiva do capital, internamente no caso da Inglaterra, e externamente durante o período das grandes navegações em que foram criadas as Companhias de Comércio das Índias, ocidentais e orientais, nas principais nações emergentes da época. Essas companhias geralmente tinham o monopólio das rotas comerciais e eram financiadas pelos Estados Absolutistas. Foi um período de dominância da forma comercial do capital e também da forma monetária, ou usurária, as formas antediluvianas do capital. Durante esses séculos estavam em gestação e expansão as formas produtivas do capital industrial, primeiro com a gradativa extinção das corporações de ofício e a criação de empresas que passaram a reunir os artesãos em um único espaço, em seguida com a criação das fábricas e enfim a grande indústria. Esse longo processo também significou o que Marx chamou de subsunção formal e subsunção real do trabalho ao capital. Processo no qual as habilidades e conhecimentos que os trabalhadores tinham para a produção de cada mercadoria em particular foram sendo progressivamente apropriados pelo capital e inseridos nas máquinas, até as formas mais modernas das fábricas automatizadas em que os robôs substituíram a maior parte da força de trabalho humana. Ao mesmo tempo, a dominância das formas comerciais e usurárias do capital foi sendo superada pela forma produtiva e, posteriormente, pela forma financeira no mundo contemporâneo.

Neste sentido, o movimento do capital envolve a produção e a circulação, com vistas sobretudo ao processo de acumulação. Na seção I do Livro II, o processo de circulação capitalista nos mostra, então, a unidade contraditória entre a produção de riqueza e sua realização na circulação, que se dá no mercado, e ao mesmo tempo o processo de autonomização das distintas formas funcionais do capital, já no Livro III.

2.1. A continuidade das metamorfoses do capital e suas autonomizações

Será no Livro III de *O capital* que Marx, conforme suas palavras, vai “(...) encontrar e expor as formas concretas que surgem do *processo de movimento do capital considerado como um todo*. (...) As configurações do capital, como as desenvolvemos neste livro, aproximam-se, portanto, passo a passo, da forma em que elas mesmas aparecem na superfície da sociedade, na ação dos diferentes capitais entre si, na concorrência e na consciência costumeira dos agentes da produção” (MARX, 1984b, p. 23). Em consonância com os livros anteriores de *O Capital*, o desenvolvimento do dinheiro e das formas funcionais do capital permitirão, a partir de então, desvendar o relacionamento estreito existente entre as fases da produção e circulação capitalista, que aparecem como se fossem

independentes. A citação acima de Marx, com palavras inseridas por Engels, sinaliza para a discussão de diversas temáticas, como concorrência, individualidade x totalidade, essência x aparência, etc.

Destacamos que o livro III foi editado e publicado por Engels em 1894, a partir dos Manuscritos escritos por Marx em 1864-65, e em parte alterado por Engels tanto em sua forma quanto em seu conteúdo. Essas alterações têm provocado um debate entre autores contemporâneos, principalmente após a publicação dos manuscritos originais de 1864-65.

Mas, retornando ao desenvolvimento anterior, no Livro III encontramos diversas abordagens que descortinam a aparência dos fenômenos existentes na sociedade capitalista, tais como lucro, taxa de lucro, concorrência, juros, taxa de juros, crédito, capital de comércio de mercadorias, capital de comércio de dinheiro, capital a juros, capital fictício, renda da terra. Se as categorias ajudam a revelar a aparência corriqueira do funcionamento do capitalismo, por outro lado devemos ter em mente que os movimentos reais expressos por essas categorias exigem, naturalmente, o conhecimento das categorias reveladas nos livros anteriores, sobretudo algumas centrais como mercadoria, valor, dinheiro, capital, mais-valia, conforme indicamos anteriormente.

Se o lucro, discutido logo no capítulo I do Livro III, expressa a dissimulação da mais-valia, a forma como ela se manifesta no seio da sociedade, é necessário um constante exercício do movimento e da ligação entre a essência e a aparência, entre o abstrato e o concreto. Como, na aparência, ela dissimula, mistifica e legitima a exploração da força de trabalho que é a sua essência. Assim, quanto maior for a mistificação de sua natureza, de sua essência, maior é o grau de fetichização existente e maior a dificuldade da compreensão deste fenômeno.

Segundo Marx, cada uma das formas autonomizadas do capital executa funções específicas no processo de produção e circulação da riqueza capitalista. Em sua forma monetária, o capital dinheiro não funciona como capital, só pode funcionar como dinheiro, para comprar e vender mercadorias a força de trabalho e os meios de produção. Na forma produtiva, o capital como meios de produção e força de trabalho deve funcionar como valores de uso, em que o uso da força de trabalho na transformação dos meios de produção converte uma forma específica e material de um tipo de mercadoria em outro tipo, de madeira para mesa por exemplo. Na forma comercial, o capital só funciona no processo de metamorfose das mercadorias, comprando e vendendo sem produzir nenhum excedente ou mais-valia. É a autonomização das formas funcionais do capital em capital dinheiro, capital produtivo e capital mercadoria. Se a relação capital x trabalho estava posta de forma geral no Livro I, no Livro III aparecerão capitalistas diferentes executando funções particulares, gerindo capitais industriais específicos na esfera da produção.

Na esfera monetária e financeira, o capital dinheiro se autonomiza na forma de capital a juros, o capital produtivo em capital produtivo e o capital-mercadoria em capital de comércio de mercadorias (o surgimento dos comerciantes de mercadorias) e capital de comércio de dinheiro (os

comerciantes de dinheiro). É essa última forma que no processo de autonomização se desenvolve a citada esfera monetária e financeira. Já não é mais um capitalista executando as funções nas etapas de produção e circulação, mas vários executando funções diferentes e ao mesmo tempo, o que só demonstra a realidade da produção e reprodução capitalista. Estas diferenças não estavam postas claramente no Livro I, porque Marx tinha como objetivo principal neste livro desvendar a origem da riqueza na sociedade capitalista, e ele descobre e mostra que é na produção, com a utilização de uma mercadoria especial, a força de trabalho, que tem a capacidade de criar valor.

Então, as autonomizações ficam assim:

I. capital dinheiro/monetário → capital a juros → capital fictício;

II. capital produtivo → capital produtivo;

III. capital-mercadoria → capital de comércio de mercadoria e capital de comércio de dinheiro.

O ciclo geral do capital a juros em sua essência é $D - D - M - D' - D'$, mas aparece como se fosse somente $D - D'$, dinheiro que gera dinheiro sem passar pela produção, o fetiche em sua forma mais desenvolvida ou nas diferentes formas fictícias de capital. O capital-mercadoria, a fase final da circulação, no ato da compra e da venda, se autonomiza e pressupõe a existência de comerciantes de mercadorias e de dinheiro para a realização do valor gerado na etapa produtiva. Desta forma, parece que as formas dos capitais autonomizados passam, por um lado, a exercer funções individualizadas, específicas no ciclo do capital em geral, mas o capital em seu movimento existe continuamente e concretamente sob as três formas. Entretanto, do ponto de vista dos capitais individuais, uma parte pode se constituir como empresas comerciais e, outra parte, como empresas financeiras que, no ciclo geral do capital, contribuem para aumentar a especialização e a rotação do ciclo e, mesmo que cada capitalista tenha autonomia em suas funções, continuam a ter relações simbióticas, orgânicas e dependentes entre si.

O capital a juros significa assim uma exasperação da lógica da apropriação de valor (mais-valia), como se esta pudesse se autonomizar frente à esfera da produção do valor. De fato, o proprietário da mercadoria-capital empresta esta mercadoria, contra o pagamento de juros por parte do capitalista que realizará o valor de uso dessa mercadoria especial (produzir mais-valia). Após o ciclo do capital, obtido D' , o capitalista funcionante pagará o principal da dívida (capital de empréstimo), acrescido dos juros, e o que sobra da mais-valia produzida será apropriado na forma de lucro por esse capitalista funcionante. Do ponto de vista particular, do proprietário da mercadoria-capital, de fato, deu-se apenas a apropriação, sem que ele entrasse no processo produtivo, ainda que, do ponto de vista da totalidade, a produção (comandada pelo outro capitalista, o funcionante) seja necessária para a apropriação, tanto do lucro como dos juros.

Mas isso ainda não é o capital fictício. No capital a juros, o capital inicial D preexiste, é emprestado, ingressa na produção e, só após, concretiza-se a apropriação. O capital fictício é um

desdobramento adicional no processo de autonomização das formas do capital. O que preexiste não é o capital, mas a expectativa hoje de que a mais-valia futura estará disponível para ser apropriada sob distintas formas. Com base nessa expectativa, cria-se o capital fictício, como um direito a apropriação futura de valor, que é transacionado hoje, ao preço de mercado, que se relaciona com a taxa de juros. Portanto, a exasperação da lógica da apropriação é intensificada no capital fictício, invertendo-se a lógica. A expectativa de apropriação futura permite a criação de capital (fictício) hoje, que pode, inclusive, ingressar na produção e efetivar a produção de mais-valia que se esperava. Não por outra razão, Marx (2017, p. 521), afirma que “a formação do capital fictício tem o nome de capitalização”.

Dessa forma, o capital fictício em Marx não diz respeito a um capital particular (financeiro) que atua em um mercado particular (o financeiro), mas uma lógica de constituição de capital, atue onde ele atuar. A característica específica do capitalismo contemporâneo é justamente o fato de que todo capital é constituído, com mais ou menos mediações, sob a lógica de valorização fictícia do capital.

Como não poderia deixar de ser, a compreensão do capital fictício também só é possível diante da autonomização das formas do capital. Só que esta categoria apresenta uma dinâmica particular, já que ela se manifesta de forma inteiramente desmaterializada, estando no centro da dinâmica especulativa do capital. Nascido a partir do desenvolvimento do capital a juros, o capital fictício foi apresentado por Marx a partir de três formas: capital bancário, títulos da dívida pública e ações⁵.

Mas, não podemos deixar de fazer a devida contextualização histórica do momento em que o autor vivia e descrevia as mudanças do capitalismo, em plena expansão da IIª Revolução Industrial na Europa nas últimas décadas do século XIX. De lá para cá, outras formas de capital fictício também apareceram com o desenvolvimento do “setor financeiro”, ou sistema monetário e de crédito⁶.

⁵ Marx desenvolve a categoria do capital fictício sob as formas de capital bancário, títulos da dívida pública e capital acionário ou ações. Os ativos de um banco são constituídos por reservas monetárias, empréstimos, aplicações em títulos e ações e ativos físicos dos escritórios, agências bancárias e instalações. As reservas monetárias são constituídas por moeda, ou promessas de pagamento, que podemos considerar dinheiro fictício. Os empréstimos são resultado de operações em que os bancos criam o dinheiro para efetuarem os empréstimos. Os títulos da dívida pública e ações constituem formas de capital fictício, sobrando apenas a parte dos ativos físicos. Assim, a maior parte do capital bancário é fictício. O Estado ou governos tomam empréstimos para realizar gastos ou pagamentos. Assim, o valor-capital recebido é todo ele gasto sobrando uma representação de valor em títulos que rendem juros. As ações, quando são colocadas à venda nas bolsas de valores, se desdobram no capital real existente nas empresas em uma representação autônoma de riqueza que é remunerada com dividendos e seu preço acaba sendo fixado pela especulação, independentemente do valor da empresa. A soma do preço de mercado das ações constitui uma nova forma de valorização das empresas, o capital acionário.

⁶ Os derivativos, por exemplo, como o nome diz, são títulos ou contratos derivados de outros títulos. Vários contratos de empréstimos, com diferentes riscos e taxas de juros, são reunidos em um único contrato que são negociados no mercado. A remuneração desse derivativo corresponde à uma partilha dos juros cobrados nos contratos originais. Existem derivativos de contratos de câmbio, de taxas de juros, de commodities, imobiliários e os CDS (*Credit Default Swap*). O estoque de derivativos em um momento é estimado por um valor nominal, pois o valor dos contratos constitui apenas uma referência. O mercado global *foreignexchange*, também conhecido como Forex, transaciona contratos de compra e venda futura de moedas em que os ganhos e perdas dependem da variação nas taxas de câmbio. Segundo o BIS, em abril de 2022, o volume médio diário de negócios atingiu US\$ 9,8 trilhões.

Na segunda metade do século XX, após a reconstrução das economias destruídas pela Segunda Grande Guerra e após os trinta anos gloriosos de crescimento, a crise capitalista voltou a se manifestar no início dos anos 1970. O desenvolvimento das forças produtivas, com a consequente elevação da produtividade, gerou excedentes que não encontravam formas rentáveis de acumulação e uma superacumulação de capital monetário. Isso, no contexto da guerra fria entre os Estados Unidos (EUA) e a União Soviética, da clara constatação da profunda desigualdade entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos e dos processos de descolonização, principalmente dos países africanos. A superacumulação de capital produzida nos países desenvolvidos, que não encontravam aplicações rentáveis, foi sendo acumulada em dólares no sistema bancário da época, principalmente concentrados na City de Londres. Esse capital monetário acumulado foi sendo convertido em empréstimos para os países subdesenvolvidos, através de um processo chamado de multiplicação monetária⁷, e expandido através do que foi conhecido como os eurodólares e, posteriormente, de petrodólares. O primeiro porque os recursos acumulados provinham principalmente das reservas dos bancos centrais europeus, e o segundo, dos países exportadores de petróleo após a brutal elevação dos preços decorrentes das guerras no Oriente Médio, em 1973 e 1979. No final da década de 1970, uma mudança na política monetária conduzida por Paul Volcker, presidente do *Federal Reserve*, consistiu em uma brutal elevação da taxa básica de juros nos EUA que foi seguida pela taxa de juros em Londres. A consequência dessa política foi uma crise sem precedentes nos países endividados, em particular da América Latina.

No mesmo período, a eleição de Ronald Reagan para presidente dos EUA e de Margareth Thatcher como primeira-ministra do Reino Unido, permitiu a aceleração do fim de um sistema internacional relativamente regulado, com controles de câmbio e de movimento de capitais, para uma total desregulação e políticas econômicas conhecidas como neoliberais, por todo o mundo. A implementação das políticas neoliberais, decorrente de uma reunião chamada de Consenso de Washington, eram uma exigência do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial, promotores daquela reunião, como condição para receber os empréstimos necessários. Assim, entre as décadas de 1980 e 1990, ocorreu um enorme crescimento do capital monetário disponível, devido à crise e superacumulação de capital, que disparou o surgimento de novas instituições financeiras, como os

⁷ A concepção corrente atualmente é que os Bancos Centrais criam moeda primariamente, através de suas operações, que são depositadas no sistema bancário. Este, utiliza os depósitos dos seus clientes e criam mais dinheiro num processo que é conhecido como multiplicação secundária de moeda. Mas, os bancos, a rigor, não necessitam de nenhum depósito para a criação secundária de moeda, podem fazer empréstimos sem nenhum saldo de depósitos. Criam o que denominamos de dinheiro fictício. Foi o que os grandes bancos da City realizaram gerando o enorme endividamento dos países subdesenvolvidos nas décadas de 1970 e 1980.

fundos de pensão e de investimentos que aceleraram ainda mais a criação e expansão de novas formas de capital fictício.

Mas, algumas características centrais são importantes de serem entendidas e que compõem esta forma tão mistificada do capital. Em primeiro lugar, o capital fictício se desenvolve, aparentemente, de forma totalmente independente da produção, já que sua busca é de se reproduzir sem a mediação do trabalho, o sonho do capital e a sua própria contradição, valorizar-se sem depender da força de trabalho, $D - D'$. Como vimos, embora isso seja verdadeiro do ponto de vista particular, no que se refere à totalidade, ele exige uma maior produção de mais-valia pelo capital produtivo, ou seja, uma elevação da exploração do trabalho. Em segundo lugar, o capital fictício dissimula as relações com o processo real de valorização, intensificando a autonomia desta forma de capital que até seu nome, contraditoriamente ou não, expressa um capital que é ficção, que é fictício. Trata-se, como visto, da exasperação da lógica do mero apropriar-se, como se a produção não fosse necessária. Em terceiro lugar, submete-se à dialética real e fictícia, pois, do ponto de vista individual ele existe, é real, podendo garantir aos especuladores a apropriação de uma renda sob a forma de juros e/ou lucros, mas, do ponto de vista da totalidade é inexistente, fictício, pois não gera valor e mais-valia, não gera riqueza sistêmica, não tendo base produtiva, embora o capital produtivo que produz a mais-valia, da qual parte será apropriada pelo capital fictício, seja concreto e real. O capital fictício, nesse sentido, apareceria como uma duplicação (ficção) do capital real.

A dialética do capital fictício ainda se expressa do ponto de vista da totalidade da circulação do capital. Se, por um lado, o capital fictício não atua diretamente na produção de mais-valia, por ser um capital como qualquer outro, também comparecerá no processo de apropriação da mais-valia produzida, o que reforça a tendência à queda da taxa de lucro. Por outro lado, o capital fictício contribui para reduzir o tempo de rotação do capital total, elevando o que Marx chama na seção II do livro II de número de rotações do capital e, portanto, do que também chama de taxa anual (periódica) do lucro, uma vez que permite ao capital produtivo encurtar o seu tempo de rotação e elevar a produção de mais-valia por período de observação. Este processo, via rotação do capital, atua como contratendência à queda da taxa de lucro. Por um lado (disfuncional), o capital fictício reforça a tendência à queda. Por outro (funcional), contrapõe-se a essa tendência. No capitalismo contemporâneo, a tendência é que a funcionalidade predomine nos momentos de aceleração da acumulação, enquanto a disfuncionalidade predomina nos momentos de crise.

Diante disso, ao influenciar mais intensamente a dinâmica da acumulação capitalista, o capital fictício interfere na valorização do capital, no processo de produção e reprodução capitalista, em suas várias dimensões, sobretudo pelo fato de que ele sobrevive, em grande parte, dos rendimentos esperados que advém da apropriação de valor em um futuro determinado, quer seja pelos prazos de vencimentos dos títulos, por exemplo, ou dos rendimentos, via dividendos, das ações, exemplos

clássicos citados desta categoria. Ou seja, os direitos de apropriação são comercializados hoje, sem que a riqueza tenha sido produzida no momento, no capital produtivo, colocando a variável tempo no centro do processo de produção e apropriação. Isso não significa dizer, e é bom que isto fique claro, que o processo de especulação não interfira na intensidade e exploração do trabalho, como que se a fase da circulação não tivesse relação com a produção. Pelo contrário, é a dialética em sua manifestação, o aumento da exploração do trabalho se faz necessário para transferir e remunerar esta forma de capital que se sobrepuja na atualidade.

Evidentemente que esta forma de capital também carrega consigo as suas contradições e, portanto, crises, que apareceram, a partir das últimas décadas do século XX e início do século XXI como crises financeiras, tanto nos países capitalistas subdesenvolvidos quanto nos desenvolvidos.

3. A gênese, formas e desenvolvimento do capital fictício

As formas de capital fictício apresentadas por Marx, no final do século XIX, passaram por profundas transformações e mudanças no último século. As formas originais tratadas por Marx, no livro III, a dívida pública, as ações e o capital bancário, sofreram enormes modificações com o processo de expansão, concentração e centralização do capital durante todo esse período. Além disso, surgiram novas formas. Os ciclos de expansão e crise do capital, durante o século XX e início do XXI, foram fundamentais para a mudança no processo de dominância das formas comerciais e usurárias para as novas formas, primeiro na forma industrial e em seguida nas formas fictícias do capital monetário. Concretamente e historicamente, o capital em geral, distribuído nas suas múltiplas unidades se desenvolveram nos Estados Nacionais, organizados e estruturados hierarquicamente desde a gênese do modo de produção capitalista. A seguir, apresentaremos algumas formas que nos dão um panorama das expressões concretas do capital fictício na economia mundial.

3.1. As dívidas e a Dívida Pública

Em suas origens, a dívida pública consistia em empréstimos que as classes mais ricas concediam aos governos que os utilizavam para pagamento de suas despesas. Marx, explica que o valor entregue na forma dinheiro era consumido, mas o título de dívida permanecia. Assim, tornava-se em uma forma de riqueza fictícia que não tinha mais fundamento real, mas gerava o direito de apropriação de uma parte da nova riqueza produzida através da cobrança de juros. A gestão dessa forma de riqueza foi sendo transferida para os bancos centrais que surgiram com a transformação de bancos existentes ou a criação de novos, pelos governos. Essas instituições também adquiriram a responsabilidade pela criação da forma de moeda estatal de curso forçado e sua gestão. Essa moeda fictícia, como vimos, também é uma forma de dívida que não tem vencimento e não é remunerada.

Os bancos centrais criam moeda, atuando como banqueiro do governo, quando fazem o pagamento de qualquer tipo de despesa pública e, também, comprando títulos de dívida, sejam

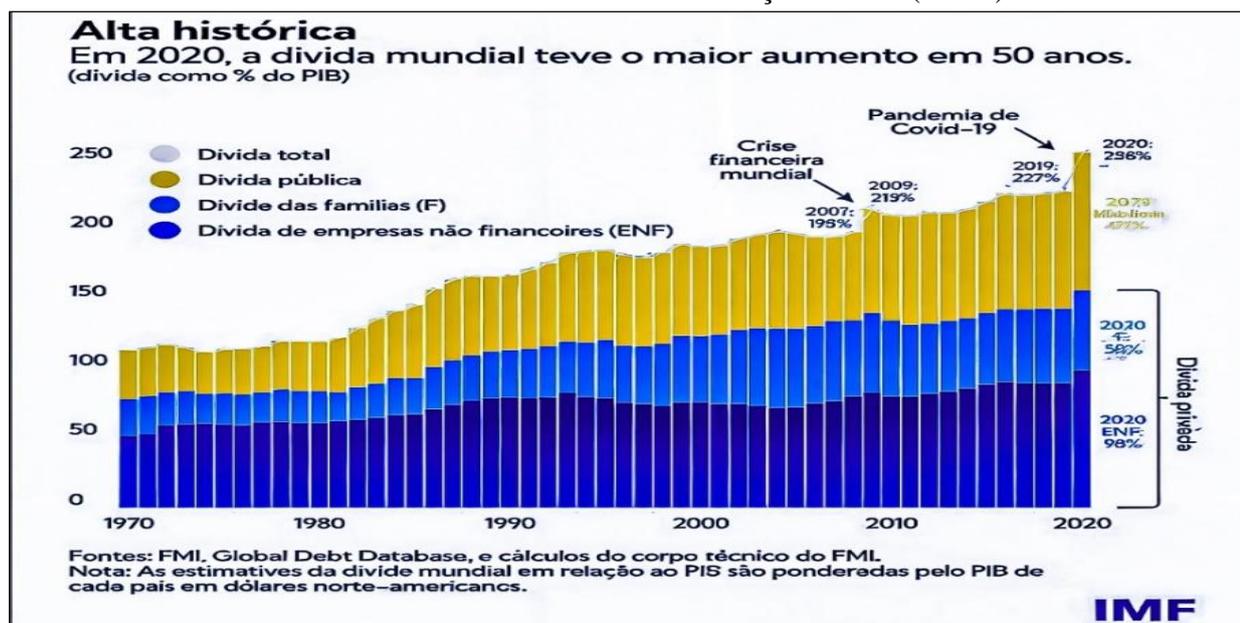
privados emitidos por unidades de capital ou públicos, quando os empréstimos vencem e devem ser pagos. Quando recebem impostos, taxas, contribuições e qualquer outro tipo de pagamento ao governo, ocorre um cancelamento de moeda. Esse processo constitui a base de determinação da quantidade de moeda necessária funcionando como meio de circulação. Todo excesso é convertido, diariamente, em títulos da dívida pública, uma forma de capital a juros e de capital fictício, no mercado aberto, em operações compromissadas de *Overnight*. O Banco Central do Brasil, por exemplo, realizou a média diária de R\$ 2,11 trilhões em negócios a título de operações de *overnight* compromissadas no mês de novembro de 2024⁸. Essa média diária correspondeu a 17,87% do PIB estimado para o ano de 2024, em R\$ 11,81 trilhões, ou 33,60% do total de R\$ 6,28 trilhões em títulos da dívida mobiliária no mercado, em dezembro de 2024⁹.

O endividamento no capitalismo contemporâneo é uma indicação do volume de capital fictício criado e em estoque, e isso só pode ser entendido do ponto de vista dos credores que nesse caso costumam ser os bancos. Assim, esse endividamento representa um compromisso assumido pelos devedores que garantem com o fluxo de rendimentos esperados no futuro, salários dos empregados ou receitas das empresas. Se no caso dos trabalhadores o salário futuro vai corresponder a um valor novo criado, para as empresas representam parte do movimento das próprias unidades particulares de capital, podendo corresponder a valores existentes ou a serem produzidos no futuro. Mas, esse endividamento é somente uma parcela do capital fictício total, pois nele não se considera o estoque de capital acionário e nem os derivativos, que trataremos mais adiante. Vejamos o gráfico 1, seguinte, sobre a dívida mundial em relação ao PIB.

⁸ Banco Central do Brasil. **Estatísticas do Mercado Aberto**, novembro 2024. Fonte: <https://www.bcb.gov.br/estatisticas/mercadoaberto>. Acesso em 01/02/2025.

⁹ Banco Central do Brasil. **Notas econômico-financeiras. Estatísticas fiscais**, Janeiro de 2025. Fonte: <https://www.bcb.gov.br/estatisticas/estatisticasfiscais>. Acesso em 01/02/2025.

Gráfico 1 – Dívida Mundial em relação ao PIB (em %)

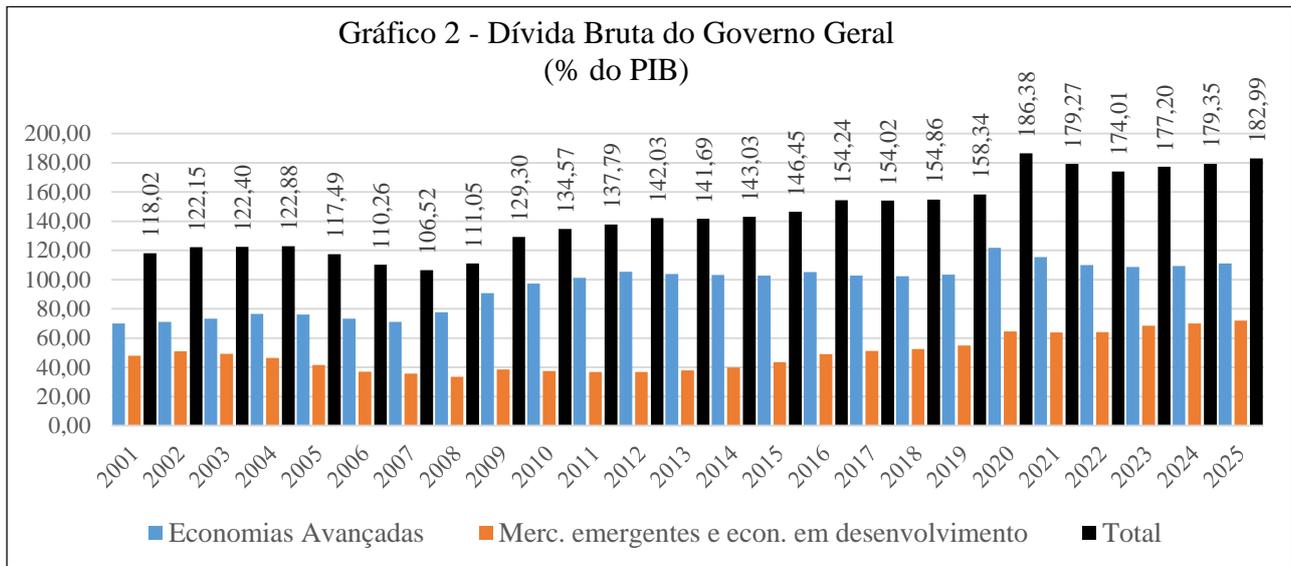


Segundo os dados do FMI¹⁰ (gráfico 1), que são subestimados devido à falta de informação de muitos países, o endividamento total dos governos, famílias e empresas não financeiras passou de pouco mais de 100% do PIB para quase 300% entre 1970 e 2020. A maior parte da dívida pública, como já vimos, corresponde a uma parte do capital fictício total acumulado. Esse endividamento nunca é amortizado e é continuamente substituído por novas dívidas normalmente acrescida de juros. A dívida das famílias e das empresas não financeiras corresponde a uma parte dos ativos ou créditos bancários e financeiros, que vão constituir mais uma parte do capital fictício total acumulado pelos bancos e, em parte, devido à própria criação bancária de moeda sem a criação ou transferência de nenhum valor.

Já o gráfico 2 seguinte mostra o crescimento da dívida bruta, também estimado pelo FMI, como porcentagem do PIB entre 2001 e 2025, que representa o estoque de capital fictício acumulado em títulos da dívida pública. Para termos uma ideia mais precisa, o PIB mundial a preços correntes estimado para 2025 é de US\$ 115,50 trilhões e a dívida em dólares correntes seria de US\$ 211,35 trilhões. Naturalmente, os credores, ou seja, os proprietários desses títulos de dívida são as famílias mais ricas, os grandes fundos gestores de capital, como a *BlackRock*, fundos de investimentos e fundos de pensão. Assim como as outras formas de capital fictício, a dívida pública constitui um estoque da parte do capital monetário ocioso, que não encontrou ainda um espaço para acumulação nas formas reais e materiais, mas podem a qualquer momento ser convertida em capital real. Para

¹⁰ GASPAR, Vítor; MEDAS, Paulo; PERRELLI, Roberto. A dívida mundial chega ao recorde de US\$ 226 trilhões. **IMF Blog**. <https://www.imf.org/pt/Blogs/Articles/2021/12/15/blog-global-debt-reaches-a-record-226-trillion>. Acesso em 01/02/2025.

tanto, os títulos devem ser convertidos em moeda e reconvertidos nas diferentes formas materiais do capital industrial.



Fonte: <https://www.imf.org/en/Publications/WEO/weo-database/2024/October/download-entire-database>

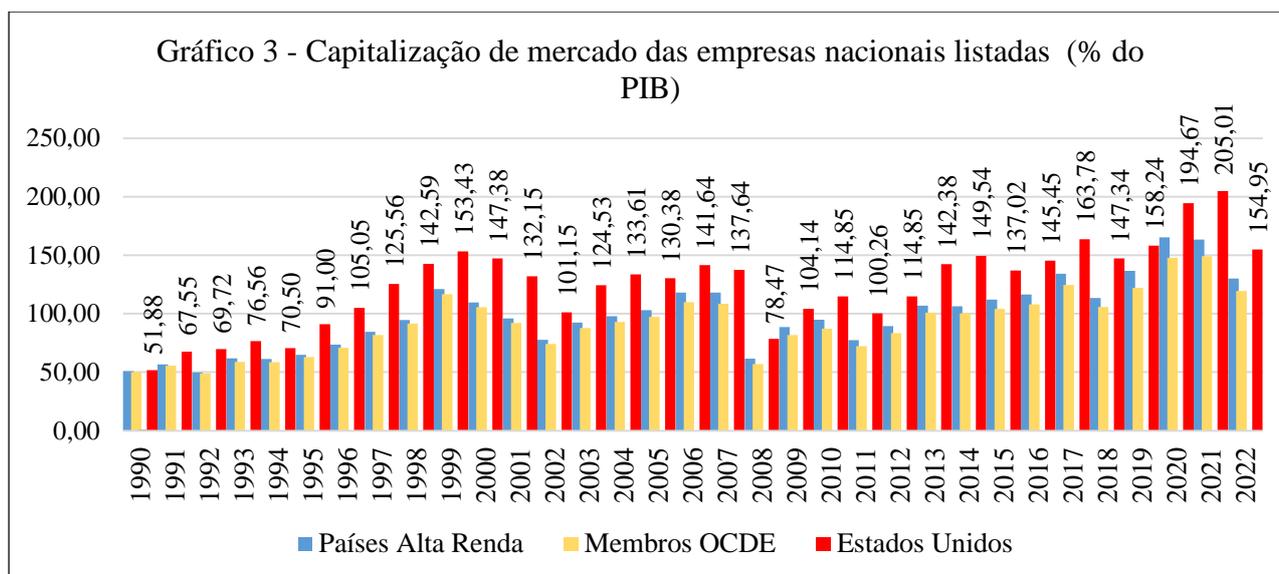
É de se destacar também o percentual da dívida bruta das economias nomeadas de avançadas e aquele das chamadas, de maneira superficial, de economias emergentes e em desenvolvimento. Observa-se que, ao longo da série histórica, as dívidas dos primeiros países sempre foram superiores às do segundo.

Uma outra forma clássica de capital fictício apresentada por Marx é a das ações, títulos de propriedade, que cresceram significativamente com o desenvolvimento das forças produtivas no contexto da IIª Revolução Industrial. Senão vejamos.

3.2. O capital acionário

Da mesma forma que a dívida pública, o capital fictício na forma de ações negociadas nas bolsas de valores cresceu significativamente, com as devidas quedas nos momentos de crise mais aguda. O gráfico 3 mostra esse comportamento relacionando a soma da capitalização das empresas na bolsa de valores com o PIB acumulado e dividido entre os países de renda mais elevada, os países membros da OCDE e os Estados Unidos. Nota-se um evidente crescimento a partir dos anos 1990, com exceção para o período de crise entre 2007-2009.

Podemos observar também que, como proporção do PIB, as empresas norte-americanas apresentam a maior porcentagem de capitalização do que nos outros dois grupos de países, mesmo sendo parte deles. Devemos destacar que esses dados representam o cálculo do capital acionário, como capital fictício, em um determinado momento, normalmente no final do ano fiscal dos países. Além disso, não devem ser considerados como um estoque pois seu montante varia continuamente durante todo o período de operação das respectivas bolsas e representam apenas as empresas de capital aberto com ações negociadas nas bolsas de valores.



Fonte: <https://data.worldbank.org/indicador/CM.MKT.LCAP.GD.ZS?view=chart>

No Brasil, por exemplo, a informação é que o número de empresas listadas na bolsa é de apenas 400, enquanto na NYSE (*New York Stock Exchange*) são cerca de 3 mil listadas. Além disso, um indicador considerado importantíssimo e fundamental, que é o Índice de Preços das ações, é calculado no Brasil pela variação ponderada dos preços de cerca de 65 ações das 60 empresas listadas. Naturalmente, essas ações e empresas podem ser substituídas periodicamente segundo alguns critérios das respectivas bolsas. Enfim, o resultado expresso pelo índice é decorrente do aumento ou queda no preço de apenas uma pequena parte das ações de uma empresa, a quantidade efetivamente posta à venda que, inclusive, pode ser a descoberto, ou seja, o vendedor nem dispõe realmente das ações.

Já em termos monetários, o gráfico 4 mostra a evolução do valor de mercado das empresas nos Estados Unidos e nas bolsas do mundo. O capital fictício mundial sob essa forma passou de US\$ 9,52 trilhões, em 1990, para US\$ 93,69 trilhões em 2022 e o dos Estados Unidos de US\$ 3,09 bilhões para US\$ 40,29 bilhões nos mesmos anos. Note-se que 2022 foi um ano de profunda queda nos mercados acionários. Para efeitos de comparação, o PIB mundial estimado em dólares correntes passou de US\$ 22.987,40 bilhões em 1990 para US\$ 101.770,91 bilhões em 2022, e o dos Estados Unidos de US\$ 5.963,14 bilhões para US\$ 26.006,89 bilhões.

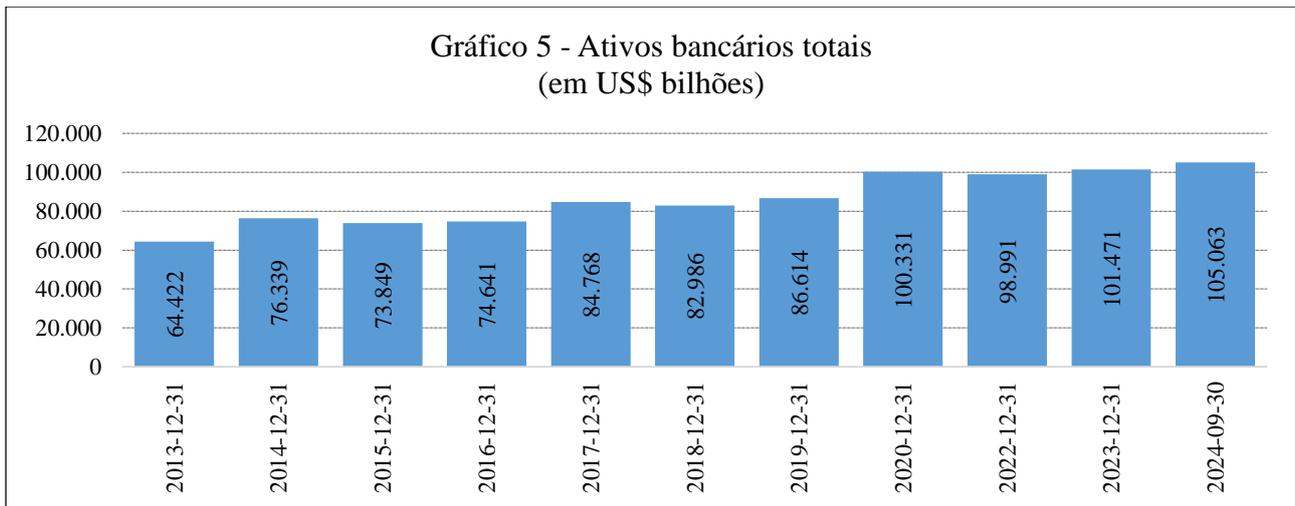


Fonte: <https://data.worldbank.org/indicador/CM.MKT.LCAP.CD?view=chart>

Um outro indicador importante no capitalismo contemporâneo que nos indica os recursos existentes dos bancos é o dos ativos bancários. Vejamos abaixo a sua evolução ao longo de uma década.

3.3. O capital bancário

O BIS registra e consolida dados sobre os ativos bancários de quase 50 países do mundo. Assim, não representa a totalidade dos bancos do mundo, mas são considerados os países mais importantes da economia mundial. Entre o final de 2013 e setembro de 2024, os ativos bancários cresceram de US\$ 64,42 para US\$ 105,06 trilhões, ou seja, cerca de 60%. O capital bancário é constituído por recursos próprios dos banqueiros e por recursos de terceiros como depósitos e empréstimos. A parcela dos recursos próprios utilizada na compra de seus meios de produção, como edifícios, máquinas, equipamentos etc, constitui capital real, mas o restante, juntamente com os recursos de terceiros, estará na forma de títulos de dívida pública, dívida privada, ações, fundos de investimento, fundos de pensão, etc, além dos próprios empréstimos que realizaram através da criação secundária de moeda. Infelizmente, o BIS não dispõe desses dados detalhados e consolidados de forma a permitir uma separação, pelo menos aproximada, do capital real e do capital fictício.



Fonte: https://data.bis.org/topics/CBS/BIS,WS_CBS_PUB,1.0/Q.S.5A.4O.F.F.A.A.TO1.A.5J?filter=YEAR%3D2013%257C2014%257C2015%257C2016%257C2017%257C2018%257C2019%257C2020%257C2021%257C2022%257C2023%257C2024

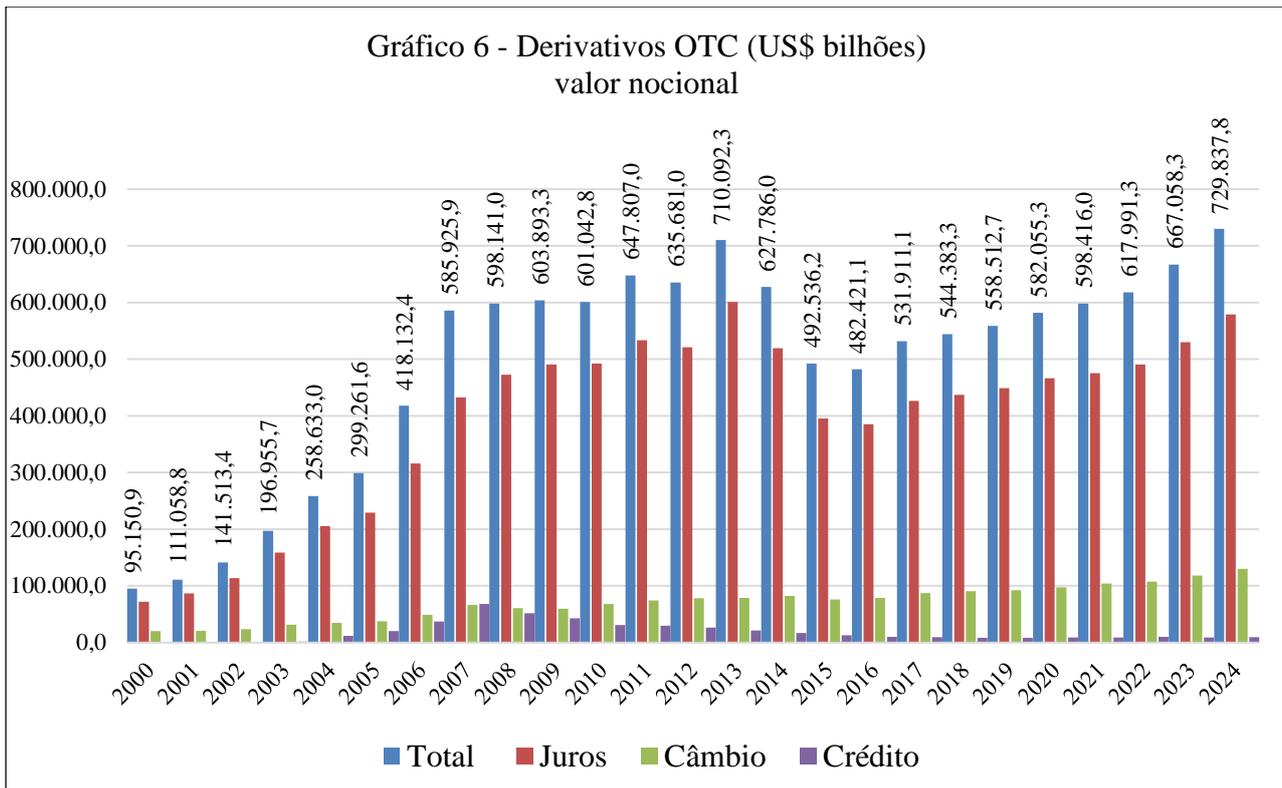
Finalmente, os derivativos também possuem e servem como indicador que tem crescido de forma significativa ao longo das décadas no capitalismo contemporâneo.

3.4. Os derivativos

Apesar dos derivativos serem muito antigos, com outros nomes, eles explodiram após o aprofundamento da aplicação das políticas neoliberais, que aumentaram a instabilidade econômica e a volatilidade dos principais indicadores econômicos. O fim do acordo de Bretton Woods, a posterior liberalização dos mercados financeiros internacionais, e a descompartimentalização desses mercados no processo de mundialização do capital, aceleraram a circulação internacional dos capitais com a deslocalização da produção e o desenvolvimento de cadeias produtivas industriais.

Antes, precisamos esclarecer que os valores apresentados no gráfico 6 são em dólares nominais, ou seja, do valor total do contrato negociado e não do valor efetivo realizado no vencimento dele. Por exemplo, um contrato de venda futura de uma tonelada de soja, ao preço de US\$ 350,00, com prazo de 6 meses, significa que o vendedor deve entregar a tonelada de soja ou pagar o preço dela no vencimento do contrato. Se o preço for de US\$ 400,00, o vendedor terá uma perda de US\$ 50,00. No mercado de derivativos de *commodities* nem o vendedor tem o produto para entregar e nem o comprador deseja receber a mercadoria. O que ambos estão efetuando é uma aposta sobre o preço no vencimento do contrato. Se for maior, o vendedor tem a perda e o comprador ganha e vice-versa.

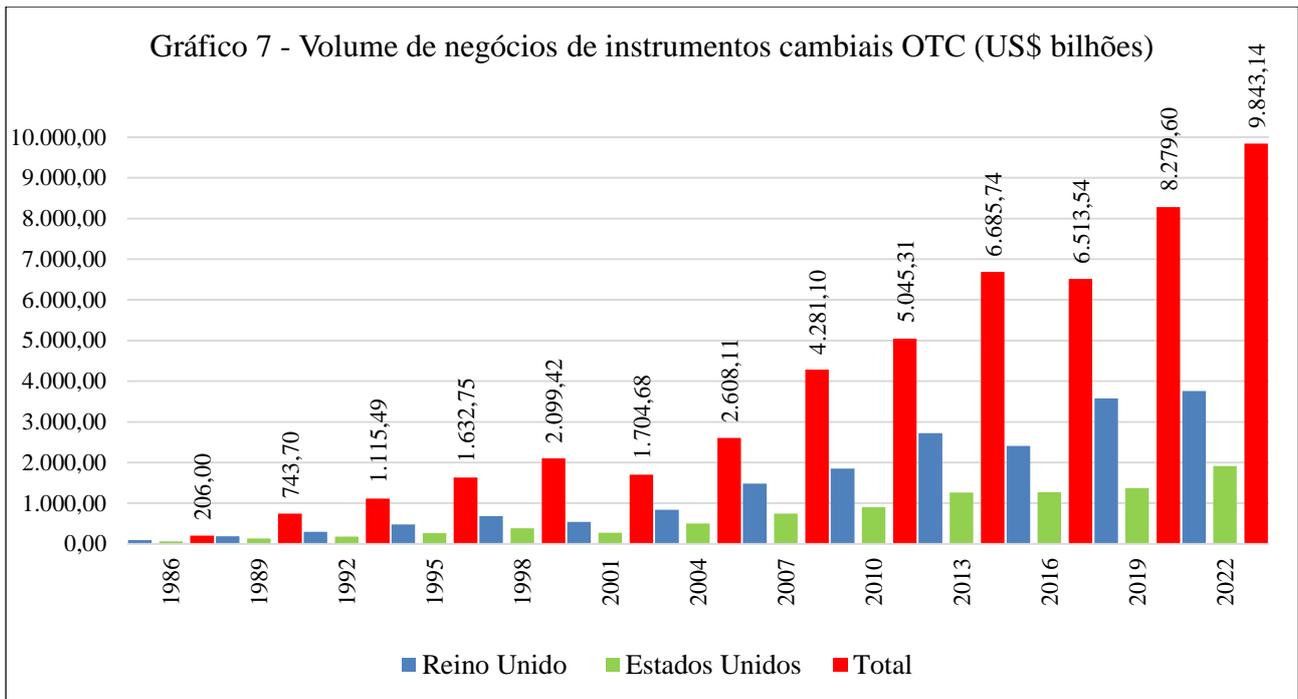
O valor nominal desse contrato é de US\$ 350,00, mas o valor efetivo realizado é de apenas US\$ 50,00. Assim, todo o mercado de derivativos, constituído de muitas espécies de títulos sobre qualquer ativo que possa ser desdobrando em um contrato novo, é a rigor um grande mercado de apostas, ou um grande cassino mundial, como já foi denominado. Além disso, não compreende todo o mercado, apresenta somente os mais importantes, a taxa de juros, de câmbio e crédito.



Fonte: Bank for International Settlements (2025), OTC derivatives outstanding, BIS WS_OTC_DERIV2 1.0 (data set), https://data.bis.org/topics/OTC_DER/BIS_WS_OTC_DERIV2_1.0/H.A.A.5J.A.5J.A.TO1.TO1.A.A.3.C (accessed on 30 January 2025).

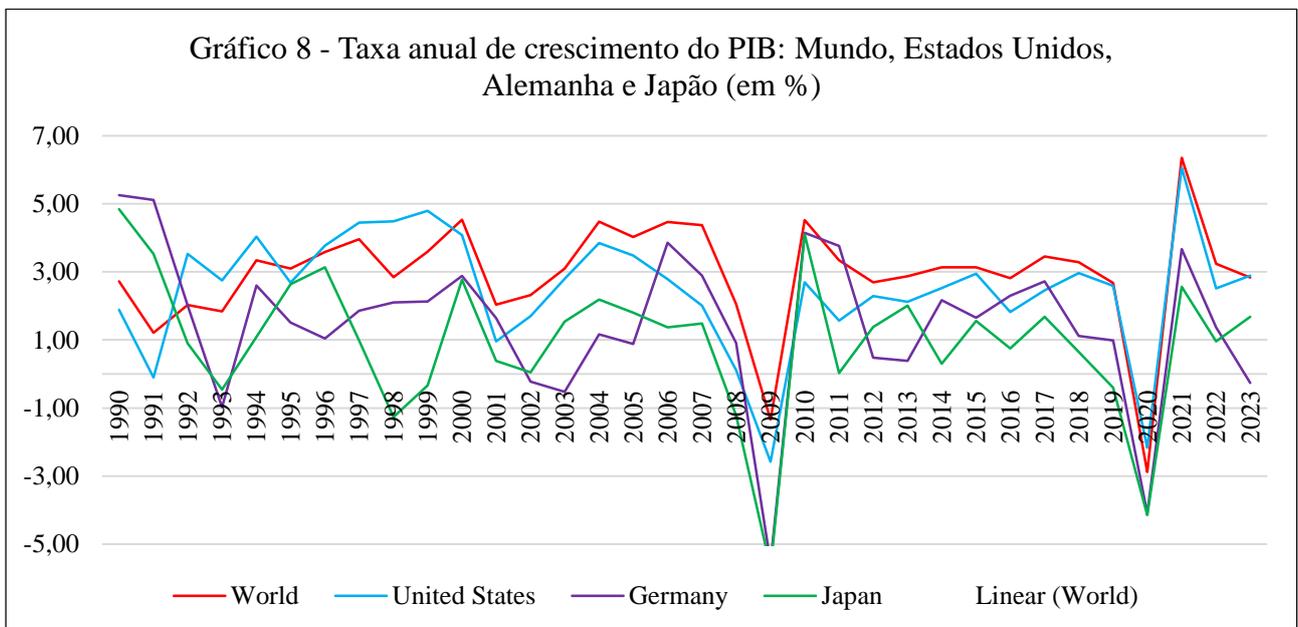
O gráfico 6 nos sinaliza que, ao longo de apenas duas décadas e meia, o volume total de derivativos saiu de US\$ 95 bilhões, em 2000, para US\$ 729 bilhões em 2024, um aumento expressivo de cerca de 700%, tornando-se assim mais um indicador em crescimento nas transações financeiras internacionais.

Outro mercado de derivativos, extremamente volátil e totalmente especulativo, é o mercado internacional de moedas ou *Foreign Exchange* (FOREX), que funciona durante vinte e quatro horas por dia nesse mercado. Além disso, os operadores podem comprar e vender ou trocar uma moeda por outra durante o mesmo dia. Existem milhares de operadores ou também de robôs que operam por conta de grandes fundos ou gestores de capital. Recebem diariamente um montante inicial de moeda para ficar comprando e vendendo diferentes moedas no FOREX e recebem uma porcentagem dos ganhos obtidos. Esse mercado cresceu de forma exponencial e explosiva, de US\$ 206,00 bilhões em 1986 para US\$ 9.843,14 em 2022. Os dados do gráfico 7 são estimados a cada três anos pelo Banco de Compensações Internacionais (BIS) para o mês de abril de cada ano. Para tanto, agrega dados de 55 países, dentre os quais os mais importantes são os Estados Unidos e o Reino Unido, com quase 60% dos negócios.



Fonte: https://data.bis.org/topics/DER/tables-and-dashboards/BIS_DER_D11_2_1.0

E para melhor visualizarmos o que poderia se aproximar daquilo que se considera a base real, produtiva da economia, o Produto Interno Bruto (PIB), observamos no gráfico 8 abaixo que sua taxa média de crescimento no mundo foi, dos anos 1990 até 2023, de apenas 2,9%. Nos Estados Unidos, Alemanha e Japão, elas foram de, respectivamente, 2,5%, Alemanha, 1,5%, e Japão, 1%, o que nos indica, como sugerido ao longo de todo o texto, o diferencial de crescimento das diversas formas de capital fictício, de um lado, e, de outro, da produção real da economia.



Fonte: <https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.KD.ZG?view=chart>

A manifestação destes diferenciais apareceu, ao longo das últimas décadas do século XX e no decorrer do século XXI, sob a forma de crises financeiras, que, na essência, são a expressão máxima das contradições e crises capitalistas, sob formas particulares.

Considerações finais

De acordo com os dados apresentados anteriormente, viu-se, por exemplo, que o crescimento da massa de capital fictício continuou depois do estouro da bolha no mercado subprime imobiliário dos EUA, em 2007, enquanto as taxas de crescimento do PIB não acompanharam essa evolução. Dessa forma, o que originou o estouro da crise estrutural do capitalismo contemporâneo, a produção excessiva de direitos de apropriação (capital fictício) frente a uma produção de valor insuficiente para respaldar esse crescimento, não só não se resolveu como se intensificou desde aquele momento. A conclusão é que não apenas a crise estrutural do capitalismo não se resolveu, como é bem possível que ainda vejamos novas etapas de sua manifestação, tão ou mais intensas do que as que já passamos.

Este percurso, desde o tratamento rigoroso das categorias teóricas, com base em Marx, passando pela forma específica como as leis gerais de funcionamento do capitalismo se expressaram a partir dos anos 60 do século passado, a evolução concreta das distintas formas de capital fictício desde lá até os dias atuais, nos permite ter uma compreensão rigorosa da atual crise estrutural do capitalismo. Este é o contexto que a humanidade vive atualmente, e é nele que as possibilidades e limites de propostas de transformação revolucionária, anticapitalista, devem ser pensadas e propostas. Uma correta e rigorosa identificação da realidade social que se pretende transformar é o pressuposto necessário para a luta política revolucionária.

Referências Bibliográficas

- CARCANHOLO, Reinaldo A. **Capital**: essência e aparência. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- CARCANHOLO, Reinaldo A.; NAKATANI, Paulo. O capital especulativo parasitário: uma precisão teórica sobre o capital financeiro, característico da globalização. **Ensaios FEE**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 264-304, jun. 1999. Disponível em: <<http://revistas.fee.tche.br/index.php/ensaios/issue/view/105>>
- GASPAR, Vítor; MEDAS, Paulo; PERRELLI, Roberto. A dívida mundial chega ao recorde de US\$ 226 trilhões. **IMF Blog**. <https://www.imf.org/pt/Blogs/Articles/2021/12/15/blog-global-debt-reaches-a-record-226-trillion>. Acesso em 01/02/2025.
- MARX, Karl. **O capital**. São Paulo: Abril Cultural, Livro II, 1984a.
- MARX, Karl. **O capital**. São Paulo: Abril Cultural, Livro III, 1984b.
- MARX, Karl. **O capital**: Crítica da Economia Política. Livro III. São Paulo: Boitempo, 2017.
- MARX, Karl. **Marx's Economic Manuscript of 1864-1865**. Leiden/Boston: Brill, 2016.

PIQUERAS, Andrés; DIERCKXSENS, Win (Orgs.). **O capital frente ao seu declínio**. Fim da unipolaridade global: Transição para o pós-capitalismo? São Paulo: Expressão Popular, 2018.